

PSICOMOTRICIDADE: O DISCURSO DO CORPO NA ESCOLA

PSYCHOMOTOR SKILLS: THE BODY DISCOURSE IN SCHOOL

PSICOMOTRICIDAD: EL DISCURSO DEL CUERPO EM LA ESCUELA

João Guilherme Rodrigues MENDONÇA¹
Marlene RODRIGUES²

RESUMO: A Psicomotricidade é uma área de intervenção corporal destinada aos profissionais da saúde e da educação. No campo da educação a Psicomotricidade atua principalmente no desenvolvimento infantil, oportunizando que a criança possa experimentar sua corporeidade, sua individualidade, sua relação com o outro, a comunicação. A prática de intervenção psicomotora pode atuar de forma instrumental e/ou relacional. O artigo se propõe a analisar a ação corporificada do professor na escola que atua com a Educação Psicomotora sustentada em base relacional. Atuar com o corpo é oportunizar a vivência da dimensão humana em sua inteireza, porque a história pessoal está registrado na carne. Podemos afirmar que o corpo expressa toda a trajetória da história pessoal. O sujeito que aprende na Psicomotricidade é compreendido pelo professor, como aquele em sua possibilidade de crescer, criar, aprender, desenvolver-se. O aluno precisa valer de seus próprios recursos. Essa condição de aprendizagem é possível quando se concebem o outro como exemplo e possibilidade de inspiração; esse é o lugar do professor, fonte inesgotável de estímulo. Seu corpo, sua fala, sua expressão, seu comportamento, pode contribuir para a autonomia e independência.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Corpo. Aprendizagem.

ABSTRACT: Psychomotricity is an area of corporal intervention for health professionals and education. In the field of education, Psychomotricity acts mainly in the development of children, allowing the child to experience their corporeality, their individuality, their relationship with each other, communication. The practice of psychomotor intervention can act in an instrumental and / or relational way. The article proposes to analyze the embodied action of the teacher in the school that works with the Psychomotor Education based on a relational basis. To act with the body is to give life to the human dimension in its entirety, because personal history is registered in the flesh. We can say that the body expresses the whole trajectory of personal history. The subject who learns in Psychomotricity is understood by the teacher, like the one in his possibility to grow, to create, to learn, to develop. The student needs to use his own resources. This learning condition is possible when you conceive the other as an example and possibility of inspiration; this is the place of the teacher, an inexhaustible source of stimulation. Your body, your speech, your expression, your behavior, can contribute to autonomy and independence.

Keywords: Psychomotricity. Body. Learning.

RESUMEN: La Psicomotricidad es un área de intervención corporal destinada a los profesionales de la salud y de la educación. En el campo de la educación la Psicomotricidad actúa principalmente en el desarrollo infantil, oportunizando que el

¹ Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: jgromendonca@bol.com.br.

² Doutora em Educação Escolar pela UNESP. Docente da UNIR. E-mail: marlenesrodrigues.rodrigues658@gmail.com.

niño pueda experimentar su corporeidad, su individualidad, su relación com el otro, la comunicación. La práctica de intervención psicomotora puede actuar de forma instrumental y / o relacional. El artículo se propone analizar la acción corporativa del professor em la escuela que actúa com la Educación Psicomotora sostenida en base relacional. Actuar com el cuerpo es oportunizar la vivencia de la dimensión humana em su entereza, porque la historia personal esta registrada em la carne. Podemos afirmar que el cuerpo expresa toda la trayectoria de la historia personal. El sujeto que aprende en la Psicomotricidad es comprendido por el profesor, como aquel en su posibilidad de crecer, crear, aprender, desarrollarse. El alumno necesita valer de sus propios recursos. Esta condición de aprendizaje es posible cuando se concibe al otro como ejemplo y posibilidad de inspiración; es el lugar del profesor, fuente inagotable de estímulo. Su cuerpo, su discurso, su expresión, su comportamiento, puede contribuir a la autonomía e independencia.

Palavras chave: Psicomotricidad. Cuerpo. Aprendizaje.

Introdução

A Psicomotricidade é uma área de intervenção corporal destinada aos profissionais da saúde (fundamentalmente psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas) e da educação (professores da educação infantil, ensino fundamental, professores de educação física); atua, portanto como uma prática terapêutica e educacional.

A Psicomotricidade no Brasil é definida pela Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, como a ciência que estuda o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo e de suas possibilidades de perceber, atuar e agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. A Psicomotricidade compreende o corpo como a lugar das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas.

No campo da educação a Psicomotricidade atua principalmente no desenvolvimento infantil, oportunizando que a criança possa experimentar sua corporeidade, sua individualidade, sua relação com o outro, a comunicação.

Essa prática é denominada de Educação Psicomotora; e pode ter modos diferentes de conceber a estimulação do desenvolvimento infantil a partir do seu corpo. O corpo pode ser concebido como corpo objeto, corpo condição de ação, corpo instrumento, corpo expressão e corpo relação com o mundo.

A educação psicomotora é aplicada em âmbito escolar sob uma ótica de educação global. De fato, parece indispensável ocupar-se, além da educação da criança no plano cognitivo, de sua educação em nível

psicoafetivo e emocional, uma educação para “ser”, além da educação para saber. (VECCHIATO, 2003, p. 101).

A prática da Psicomotricidade no contexto da Educação Psicomotora conta com diferentes técnicas e abordagem de intervenção. É possível aglutinar essas intervenções em dois focos de acolhimento do outro; por um lado a Educação Psicomotora pode estar embasada em uma concepção de corpo instrumental ou de um corpo relacional.

O corpo instrumental na psicomotricidade

A primeira concepção instrumental do corpo garantirá uma Educação Psicomotora, onde a criança é treinada para uma função ou atividade corporal de modo similar a um adestramento, onde corpo instrumento é percebido e concebido como parte de uma engrenagem e precisa desse modo ser corrigido e melhorado sua ação motora. O corpo da criança é dirigido, conduzido não por ela própria, mas por outro corpo (do professor). Essa ação do outro sobre a criança é para poder reparar suas respostas corporais (escrita, andar, correr, falar, saltar, etc.) para que possa ter um correspondente (cognitivo) paralelo (o paralelismo *psico – motor*) de melhora.

A concepção instrumental do corpo nasce de uma prática corretiva onde os profissionais que atuam com a Psicomotricidade, procuram corrigir inadequações que distanciavam o corpo do modelo de resposta neuro-motoras de normalidade. O corpo é concebido como um instrumento a ser ‘arrumado’, melhorado, corrigido, adestrado. Não há nessa prática intervencionista do corpo, uma abordagem que unificasse o indivíduo em suas multidimensões, um sujeito globalizado; ao contrário, o olhar é para um corpo ‘ferramenta’, um corpo marcado por sua exteriorização real, física e objetiva.

Podemos ainda considerar, uma estrutura hierárquica, onde a autoridade do profissional que atua com a Psicomotricidade, é marcada pelo distanciamento dos corpos; entre professor e aluno. Trata-se de uma abordagem psicomotora, onde o aluno ‘existe’ em sua compleição física, distanciado de sua historicidade e todo, e qualquer sentido simbólico e afetivo existencial. Trata-se de uma abordagem caracterizada por uma visão de mundo pedagógico mecanicista; o corpo como uma ferramenta para aquisições de conhecimentos.

O corpo relacional na psicomotricidade

A concepção relacional do corpo na Psicomotricidade é percebida como uma concepção integrada e ampliada sobre o indivíduo a ser acolhido na intervenção Psicomotora. A Psicomotricidade nesse termo concebe o indivíduo corporificado não tendo um corpo, mas vivendo e sendo esse corpo. Incorpora todo universo interno (sentimentos, afetos, subjetividade) não estando dicotomizado de sua exteriorização relacional (com o outro, com o espaço, com os objetos e consigo mesmo).

O corpo, portanto, não é concebido como partes a ser corrigida, mas, ao contrário, um sujeito onde o corpo é reconhecido como parte de um todo globalizado, que de modo inter-relacionado: sua subjetividade, afetividade, cognição, linguagem, e toda sua historicidade se fazem presentificada.

A Educação Psicomotora onde concebe o corpo relacional representa uma prática de intervenção que garante ao aluno a partir de sua própria vivência, apossar-se de seu corpo, conferindo a noção de corpo próprio e de sua existência. Desse modo é garantido a formação do Eu Corporal que consubstancia e fortalece sua identidade. Corpo expressivo e não marionete que diz quem é, o que quer, seus limites, suas possibilidades, etc. Cabral (2001, p. 17) propõe quatro campos onde a intervenção com o corpo nessa perspectiva deva ser enfocado com vistas a integralidade de um corpo inteiro, integrado:

1. *Corpo instrumento de ação (funcional)*
 - Corpo do tônus
 - Corpo das atitudes e posturas
 - Corpo da motricidade
 - Corpo das sensações
 - Corpo das percepções
 - Corpo da lateralidade
 - Corpo das emoções (a nível icônico)
2. *Corpo instrumento de conhecimento*
 - Corpo do conhecimento sobre si mesmo, corpo do

Esquema Corporal

 - Corpo que conhece o objeto e o outro
 - Corpo que conhece o mundo: o espaço, o tempo e a causalidade
 - Corpo que vai permitir o percurso da ação ao pensamento
 - Corpo base primária da possibilidade de abstração, da operatividade no sentido piagetiano e do raciocínio lógico
3. *Corpo fantasmático e relacional*
 - Corpo da imagem corporal e dos fantasmas primitivos
 - Corpo do contato afetivo nas relações objetais
 - Corpo da comunicação com o outro
4. *Corpo social*
 - Corpo marcado pela Lei na situação edipiana

- Corpo diferenciado sexualmente de acordo com papéis sociais
- Corpo influenciado por papéis culturalmente definidos
- Corpo manipulado, reprimido, ou valorizado, de acordo com a ideologia da sociedade

A compreensão relacional do indivíduo pela Psicomotricidade nem sempre esteve presente em sua evolução histórica; trata-se de uma verdadeira revolução onde a psicologia e a psiquiatria exerceram papel relevante na concepção de um sujeito corporificado e não um corpo dissociado de sua subjetividade. Essa trajetória contribuiu para o entendimento de uma práxis psicomotora em duas formas distintas de lidar com a Psicomotricidade na Educação; uma apresenta-se no sentido de perceber o outro como tendo um corpo como reprodutor de ações pré-estabelecidas, que refere-se ao corpo real, ferramenta para movimentos e desvinculado de sua dimensão simbólica; e a outra concepção de corpo mais humanizada, distanciando-se da concepção de um corpo instrumental, mecânico, e concebendo o outro, sujeito desejante e sendo um corpo e não tendo um corpo.

Como o corpo se apresenta na escola

Não é difícil reconhecer como se apresentam os corpos dos alunos no contexto escolar. Carteiras enfileiradas, cabeças despontando sobre elas; filas de corpos para deslocar-se, para executar atividades, para requerer uma necessidade; alunos uniformizados, mesma cor, mesmo modelo de roupa, mesma aparência, mesmos gestos. Uma verdadeira padronização se repete de forma muitas vezes imutável. Diante desse cenário surge a possibilidade de diferentes indagações: Como reconhecer o outro na diferença? Que aspectos de sua subjetividade podem de fato ser constatadas e acolhidas? É possível ‘aparecer’? Há um corpo ou corpos? Quem são os sujeitos desses corpos?

O modo como os corpos dos alunos se organizam no espaço dizem como podem agir e ‘existir’ diante dos outros e do mundo que o cerca. O que lhe é determinado e o como é determinado, informa e denuncia o olhar do educador mais mecanizado, instrumental, coisificado em relação aos corpos, aos alunos; ou um olhar que abriga a diferença, a diversidade de expressões e manifestações dos alunos.

A escola é um local que representa na vida de cada aluno referencial de grande impacto em sua auto-compreensão. É nesse lugar que permanecem grande parte do tempo, em uma rotina que favorece a *incorporação* de padrões de comportamentos, desenvolve relações; portanto, uniformizar os corpos nas carteiras, em filas, nas atividades com os outros, espaço, ambiente, pode significar um modo de exclusão. Exclusão de autonomia, exclusão de expressão (motora, verbal), exclusão de socialização, exclusão da autoimagem. Por quê? Porque o aluno é lançado em processo disciplinador. A escola disciplina seus corpos, disciplina seu pensamento, disciplina seus desejos, disciplina seu comportamento. Essas práticas são descritas por Foucault (1987) como a sutil ação da disciplina social em direção da docificação dos corpos. Desse modo, os corpos mecanizados na relação professor-aluno, impossibilitam e/ou decompõe a liberdade de expressão e autonomia; podendo mesmo gerar uma cronificação de respostas corporais estereotipadas por parte dos alunos submetidos a esse modo de intervenção automatizado, robotizado. Não oportunizados em sua expressão a revelar-se como sujeito de suas ações, de seus desejos e aspirações, distanciam-se de uma dimensão mais humanizante.

O corpo fonte de expressão do sujeito; parte visível de quem o é; exteriorização do desejo; parece representar um grande intruso; como tal, precisa ser evitado, impedido de adentrar na escola. Não parece possível nessas condições a liberdade do corpo, a valorização de suas multideterminações. Nesse contexto a Educação Psicomotora nos moldes instrumental rompe com a subjetividade manifesta, no desejo do aluno, e o lança ao treinar as mãos, a fala para as diversificadas formas de aprendizagem planificada pela escola.

As mãos, a língua, o cérebro (cabeça) são as partes do esquema corporal incluídos e valorizados no contexto escolar. Ao se falar de corpo na escola falamos na realidade, de partes de um todo. E o que significa o restante do esquema corporal de cada aluno para a escola? Há um todo? Na prática o todo é domesticado para não se revelar em sua unicidade e para que se obtenha sucesso na resolução dos conteúdos pré-estabelecidos a serem *incorporados* na aprendizagem da escrita, leitura e cálculos. O que interessa? Expressividade das mãos para escrita; sonoridade da fala para confirmar o pensamento a ser automatizado. Então se exige por partes dos corpos disciplina e treino. A escola não utiliza o corpo como um todo indivisível, como mediador da aprendizagem, como fonte de desejo

O professor e o corpo na escola

Trabalhar com o corpo é utilizar-se de um recurso presentificado para se acessar no aqui e agora, a autopercepção. Trata-se de despertar a consciência de ser esse corpo que fala, que pensa, que sente e que age. Essa consciência leva a harmonia e identificação com o todo; pois possibilita resgatar a consciência de quem eu sou.

Atuar como o corpo é lançar o outro para além do reconhecimento de cada parte desse corpo; é oportunizar a compreensão de seus limites e da compreensão de como se vê e lida com sua corporeidade.

A atuação do pedagogo que inclui o corpo na escola acolhe o outro em sua postura, sua voz, seus sentimentos, seus pensamentos e sensações. Refiro-me ao acolhimento da expressão do aluno como essência, isto é, em um todo corporal, mental, emocional, espiritual, compondo uma verdadeira gestalt. Esta postura requer uma visão integrada e unificada do ser humano, que exclui todas as dicotomias.

Atuar com o corpo é oportunizar a vivência da dimensão humana em sua inteireza, porque a história pessoal está registrada na carne. Podemos afirmar que o corpo expressa toda a trajetória e desvios da história pessoal e essencial desse Ser presentificado: segredos, traumas, conquistas de sua vida. Que memória esse corpo está revelando? O que este corpo tem a dizer sobre essa pessoa? O professor, portanto, pode encontrar no corpo, um caminho que desvela o outro. Não se trata de analisar o aluno em uma estereotipia tipológica, mas, como um recurso de transformação com intuito de uma integração ampla do aluno que atende.

O professor ao incluir o corpo do aluno na escola em suas experiências pedagógicas da Educação Psicomotora, pode contribuir para que o aluno desenvolva “o estado de presença”. O estado de presença é o estado de consciência de sua presentificação. Esta condição exclui a representação de papéis a serem dramatizados nas cenas da vida impostas no processo civilizador de ser e agir como papai, mamãe, parentes, líderes religiosos, professores e etc. Exclui a operacionalidade insípida de uma intervenção instrumental. Na prática o professor favorece que o aluno não se robotize em estereis personagens para corresponder suas expectativas. Conceitos de bom, mau, certo, errado, do bem, do mal, atento, desatento, esperto, leso, inteligente, burro, criativo, sem criatividade, ser homem, ser mulher, de Deus, do Demônio, coordenado, sem coordenação entre tantos outros que tão bem conhecemos de tê-los ouvidos e vividos em nossa carne durante todos os anos de nossa experiência escolar; precisam ser percebidos

na relatividade experiencial de cada aluno, de modo a não reproduzirmos e uniformidades suas respostas corporais.

Ao professor cabe estabelecer uma relação com o aluno onde ‘acorda’ para uma comunicação existencial que lhe confere a possibilidade de re-nascer em sua própria vida. Trata-se de conferir ao aluno que diz de seu desejo, seus limites, suas possibilidades, seu nome, seu potencial, de re-conhecer em sua própria imagem. Esta, que pode ser ameaçada quando o professor permanece distanciado por posturas estéreis no trato como o outro.

O aluno é a presença viva de sua história; história que se comunica que se dá a vê com sua presença, com seu corpo. Acolher seu modo de ser, seu modo de expressar-se é parte do cuidado em que o professor pode garantir com seu trabalho na escola, estimulando para ampliar seu potencial de expressão e comunicação. A Educação Psicomotora no contexto da escola, fundamenta-se na relação, a partir da história viva do aluno que fala, grita, anda, corre, oportunizar sua expansão. A Educação Psicomotora cria níveis cada vez mais elaborados para os alunos vivenciarem sua presença na escola. O professor nessa condição se afasta conscientemente de ‘técnicas’ que exclui a participação do aluno; que padroniza respostas como via única de conhecimento; e não constituem a pretexto de nenhuma condição, estereótipos e pré-conceitos.

Não há espaço na escola para que o professor de forma sutil e/ou explícita a preceito da determinação dos pais ou por ser uma escola militar; uma escola dirigida por religiosos; conduzir os alunos a verdades alheias e extemporâneas a eles.

Os conhecimentos dos contrastes relacionais precisam ser vividos no extremo de seus antagonismos e também nos diferentes matizes de suas nuances. Através da Psicomotricidade, é possível uma prática de Educação Psicomotora onde os alunos experimentem, na relação com o outro, os objetos, o espaço; contextualizando de forma vivencial as situações em que uma mesma ação de correr, falar, cantar, o uso da força, da velocidade, do equilíbrio, o uso de um lado e de outro do corpo sofram variações conforme quem faz, onde faz, com o que faz. As ações sofrem modificações conforme cada contexto e momento de sua execução. Assim não há uma condição única de resposta. O aluno, por exemplo, experimenta a sensação de *estar* forte, rápido, desatento, descordenado; e não de *ser* forte, rápido, desatento, descordenado. O condicionante do verbo estar garante multipossibilidades que se alteram a cada momento novo, de experimentação com o corpo.

Tantas quantas forem às experiências, tantas serão as possibilidades de combinações de registros assimilados internamente por aquele que as vivenciou. Desse modo é incompreensível que o aluno se “encaixe” dentro de uma concepção traçada pelos objetivos instrucionais como verdade última. Quando a rigidez dessa determinação se impõe, a Educação Psicomotora de modo relacional se extingue.

O corpo na aprendizagem não pode ser determinado por uma objetividade estéril, de não envolvimento pessoa-a-pessoa; é preciso uma relação de troca; é preciso o abandono de uma relação coisificada. Desse modo professor e aluno atuam mutuamente como interlocutores. Interlocutores de suas histórias em que a forma mais explícita dada a ver é sua presença física, seu corpo. Desse modo, o corpo fala, se apresenta, se inscreve um nome, aproxima ou distancia, é revelador de uma história de vida. Não se deve negar “matéria sob cujas aparências o corpo se apresenta. Mas o corpo envolve também a psique, sua forma animadora, na linguagem antiga” (LEPARGNEUR, 1994, p. 53). Nossa “*psique*” é também somática, tanto quanto nosso “*soma*” é também psíquico. Desapossados um do outro, *soma* e *psique* lança a dimensão humana em rupturas, que poderá repercutir em diferentes disfunções. Podemos concluir que o corpo tem uma relação de igualdade com a *psique* em sua totalidade.

O professor consciente da importância, valor e sentido de sua presença, pode estabelecer uma abertura diversificada de comunicações e de comportamentos. Trata-se então de considerar uma dimensão mais ampla que a percepção estrita do corpo matéria; trata-se de uma práxis profissional que concebe um paralelismo entre as interferências do corpo e da atividade mental, como sujeito e sua subjetividade. O que se estabelece é a confirmação (en)carnada do aluno como pessoa na prática da Psicomotricidade.

A atuação do professor pode anular toda e qualquer ameaça à compreensão da inteireza da dimensão humana do aluno. É importante que se conceba o aluno como se apresenta: seu corpo, sua verbalização, seu silêncio, sua fantasia, seu simbolismos, suas representações. Segundo Sivadon (1988, p. 110): “o corpo humano é um corpo aberto, sede e lugar de produção, simultaneamente, com efeitos de retorno do universo das emoções, do mundo dos sentimentos, das forças perlocutórias dos atos de linguagem”

A educação não pode estar atrelada à expressão do pensamento sem considerar o corpo como fonte de expressão do sujeito; parte visível de quem o é; exteriorização do desejo. Para Vargas (2002, p. 31): “nossa ‘psique’ é também corpórea. Corpo e psique não são duas polaridades, visto que nosso ‘corpo’ é também psíquico”.

Considerar o corpo na escola, no trabalho psicomotor, é concebê-lo como parte integrante do contexto relacional. Não se trata de incluí-lo como ferramenta para a aprendizagem. O aluno, seu corpo, sua historicidade, não pode ser compreendido e entendido como objeto, instrumento a ser adestrado, domesticado e induzido a uma representação. Nesse contexto a afirmação de Mendes e Nóbrega (2004, p. 11) contribui para essa percepção:

Pensar uma nova agenda do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas; portanto, as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas, ou ainda o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. Certamente, áreas como educação física ou artes tematizam práticas humanas cuja expressão, em termos de linguagem, tem no corpo sua referência específica, como é o caso da dança ou do esporte.

Considerações finais

Podemos compreender o professor que atua com a Educação Psicomotora, como aquele que não se sinta aprisionado a transmitir o conhecimento como uma técnica, um programa. É antes aquele que compreende o aluno como um artista que desvela o conhecimento ao desvelar-se criativamente como ser que é. Que percebe e responde as necessidades dos alunos manifestados por meio de sua agitação, imobilidades, do expressar-se espontaneamente com padrões de resposta distintas do estabelecido pelas normas e padrões convencionados para a maioria.

O professor é aquele que consciente, observa-se no viver, no agir e no não agir. O sujeito que aprende na Psicomotricidade é compreendido pelo professor, como aquele em sua possibilidade de crescer, criar, aprender, desenvolver-se. O aluno precisa valer de seus próprios recursos. Essa condição de aprendizagem é possível quando se concebem o outro como exemplo e possibilidade de inspiração; esse é o lugar do professor, fonte inesgotável de estímulo. Seu corpo, sua fala, sua expressão, seu comportamento, pode contribuir para a autonomia e independência.

O aluno ao ver garantido pelo professor seu espaço vital, revelador de sua dimensão humana, de suas condutas, seu comportamento, reduz suas tensões, alivia e deslumbra a possibilidade de resolução de seus conflitos. O aluno descobre e se

apropriada do seu Eu. Pode assumir o corpo como seu, sua propriedade, seu ser encarnado.

Referências

- CABRAL, Suzana Veloso. **Psicomotricidade Relacional: Prática Clínica e Escolar**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LEPARGNEUR, Hubert. **Consciência, corpo e mente: Psicologia e parapsicologia**. Campinas: Papirus, 1994.
- MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petruciada. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. Set. /Out. /Nov. /Dez., 2004, n. 27. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a08>>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- SIVADON, Paul. **Corpo e Terapêutica: uma psicopatologia do corpo**. Campinas: Papirus, 1988.
- VARGAS, Nairo de Souza. Símbolo e Psicossomática: O corpo simbólico. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. Palar Athena, São Paulo, n. 20, 2002.
- VECCHIATO, Mauro. **A Terapia Psicomotora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

Enviado em: Mar. 2017.

Aceito em: Jun. 2018.

Como referenciar este artigo:

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues; RODRIGUES, Marlene. Psicomotricidade: o discurso do corpo na escola. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n. 11, p. 216-226, mai/ago, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>>. e-ISSN: 2359-2087.